

Jornal da Tarde

16/7/1986

RECADO DO GOVERNO

Sarney e seus ministros: negociações, sim. Violência, não.

O presidente José Sarney disse ontem em Campinas não acreditar que o conflito ocorrido em Leme sexta-feira, envolvendo a Polícia Militar e integrantes do PT e da CUT, faça parte de um plano para desestabilizar o governo. Já os ministros da Fazenda, Dilson Funaro, e do Trabalho, Almir Pazzianotto, que integravam a comitiva do presidente, disseram que as greves que atingiam mais de 20 mil metalúrgicos de 20 empresas paulistas, ou mesmo a possibilidade de paralisações no setor canavieiro, não representam qualquer risco ao Plano de Estabilização Econômica.

No Aeroporto Internacional de Viracopos, referindo-se aos acontecimentos de Leme, o presidente ressaltou que o radicalismo não é a alternativa adequada para resolver os problemas dos trabalhadores e disse que "nós sabemos que o povo brasileiro não é radical, nem aceita soluções radicais".

Segundo Sarney, "a cada dia ficamos sabendo que a violência não constrói nada, servindo apenas para agravar os problemas". O presidente disse ainda que, "se queremos exercitar, de fato, o regime democrático, o que temos de fazer é usar as armas da democracia, do debate, do convencimento, e não partir para a violência".

O ministro do Trabalho, por sua vez, afirmou que os fatos de Leme devem ser apurados de maneira "rigorosa e convincente". Pazzianotto responsabilizou os proprietários das usinas pela greve dos trabalhadores rurais, "através do descumprimento reconhecido do acordo celebrado no dia 25 de junho".

Para o ministro, é "necessário de uma vez por todas que os empresários cumpram sua parte, principalmente na cláusula que dá ao trabalhador volante a certeza do que produz diariamente". Pazzianotto destacou que, "respeitado o acordo, certamente a situação se normalizará no setor canavieiro".

O ministro da Fazenda também comentou os incidentes de Leme, reconhecendo que "existem momentos difíceis entre sindicatos e patrões", porém defendendo que as negociações "sejam marcadas, sempre, pelo bom senso". Na opinião de Funaro, "o que tem acontecido muitas vezes é que, implantando-se o ódio, acaba-se criando crises como essa".

As greves e o plano

Os ministros da Fazenda e do Trabalho disseram que as greves não representam nenhum risco ao Plano Cruzado. Funaro ressaltou que nas diversas reuniões que tem mantido com líderes sindicais procura deixar claro que nenhum tipo de pressão poderá provocar o descongelamento de preços. Segundo o ministro, os sindicalistas estão conscientes da importância do Plano Cruzado para os trabalhadores. "Política econômica se faz com todos os segmentos da sociedade."

O ministro Almir Pazzianotto salientou, por sua vez, que 20 mil metalúrgicos em greve "é um número expressivo, apesar da força de trabalho do mercado formal em São Paulo atingir sete milhões de pessoas". Ele não acredita, entretanto, que essa e outras greves signifiquem "um ataque dos trabalhadores ao Plano Cruzado".

Pazzianotto lembrou os recentes contatos com dirigentes do Sindicato de Metalúrgicos de São Paulo e Minas Gerais, e de confederações de trabalhadores, acentuando que "todos defendem a manutenção do congelamento de preços e do Programa de Estabilização Econômica". De acordo com o ministro, um dos líderes sindicais chegou a afirmar que estava "orgulhoso, pela primeira vez, de sua condição, porque os trabalhadores não estão mais lutando contra a perda de poder aquisitivo ou a inflação, mas pelo aumento real de salários".

Para Pazzianotto, os trabalhadores, bem como os empresários, sabem que a alternativa ao Plano Cruzado seria a recessão. Referindo-se especificamente à área empresarial, o ministro salientou que aos industriais também não deve interessar o retorno ao sistema especulativo. "Afinal de contas" — disse Pazzianotto — "a especulação não beneficiou o industrial, que em alguns casos estava com 40 a 50% de capacidade ociosa".

Abastecimento

O abastecimento da carne no mercado deverá ser normalizado a partir de agosto, quando chegarão ao Brasil 29 mil toneladas do produto compradas da Comunidade Econômica Européia e mais 26 mil procedentes dos Estados Unidos, segundo o ministro da Fazenda. Ele disse ainda que continuam sendo emitidas gulas de importação para o Uruguai e o Paraguai, de onde estão sendo recebidas esta semana 28 mil toneladas de carne. Mais importante que isso, no entanto, de acordo com Funaro, "é que os pecuaristas já compreenderam que o governo não vai ceder e começaram a fornecer maior quantidade de gado para corte".

O problema da falta de leite, conforme destacou o ministro, será "resolvido nos próximos dias em todo o País", pois já chegaram os navios com leite em pó importado.

(Página 11)